

VOZES QUE NÃO SERÃO SUFOCADAS

Obra de Benjamin Britten usa tradição musical inglesa para expressar conflitos do século XX

Por Luís Mauro Sá Martino

No cemitério ao lado igreja de St. Peter & St. Paul, na cidade costeira de Aldeburgh, Inglaterra, há centenas de lápides. Como era costume até o início do século XX, os fiéis de uma comunidade tinham o direito de ser enterrados no campo da igreja. Andando entre os túmulos dispostos de maneira irregular no que deveriam ser ruas e caminhos, há um lápide simples, de pedra, com duas palavras e oito números gravados – “Benjamin Britten 1913-1976”.

Quando Britten foi morar em Aldeburgh, em 1947, já era reconhecido como um dos maiores compositores britânicos. A cidade, uma vila de pescadores, foi escolhida por estar distante de qualquer agito social. Aliás, ainda é: não há trens diretos, e ônibus para cidades próximas partem duas ou três vezes por dia.

Benjamin Britten nasceu em 22 de novembro de 1913 em Lowestoft, outra vila costeira, distante uma centena de quilômetros de Aldeburgh, no litoral de Norfolk, região de East Anglia. Desde pequeno mostrou excepcional talento musical – suas primeiras peças foram escritas aos 8 anos, e seu primeiro trabalho importante, uma *Sinfonietta*, aos 17, além de série de variações sobre um tema de seu professor Frank Bridge.

Terminado o aprendizado musical, foi para Londres continuar seus estudos. Lá escreveu música para filmes e conheceu o poeta W. H. Auden, com quem partiu para os Estados Unidos em 1939. Nessa época foi apresentado ao tenor Peter Pears, seu amigo e, pouco tempo depois, seu namorado – situação particularmente difícil num país em que a homossexualidade era con-

siderada crime. A temporada americana trouxe alguma tranquilidade, mas Britten e Pears decidiram voltar para a Inglaterra em 1942, no auge da Segunda Guerra Mundial. Britten não parou de escrever música nesses anos, e o principal resultado foi a estréia da ópera *Peter Grimes*, em Londres, em 1945, seu maior sucesso até então. Apesar de ter conseguido a consagração relativamente jovem, com 32 anos, a cena musical londrina começou a criar cada vez mais intrigas e problemas, o que o levou a retirar-se para Aldeburgh em 1947. Exceto por ocasionais excursões e turnês de concertos, Britten morou ali até sua morte, em 4 de dezembro de 1976.

Além do trabalho como compositor, Britten foi professor e agitador cultural: criou um festival de música em Aldeburgh, até hoje um dos mais prestigiados da Inglaterra, e montou uma escola de música em Snape Maltings, propriedade rural a poucos quilômetros de Aldeburgh, em que os métodos de ensino levam em conta a criatividade e a inventividade dos alunos. A escola, ainda funcionando, é hoje um respeitado centro de formação de músicos.

A música de Britten é o resultado de todas essas influências, aglutinadas e articuladas de maneira bastante pessoal. Se não esteve ligado a nenhuma das muitas vanguardas musicais do século XX, não deixou de usar técnicas da música contemporânea quando isso lhe parecia necessário para se expressar. Embora algumas vezes sua música possa soar um pouco dura a ouvidos pouco acostumados, ele também nunca deixou de lado a força expressiva de uma boa melodia – as árias de suas óperas mostram isso, bem como sua música instrumental.

O passado musical inglês foi outra fonte de inspiração. Além de conhecer o repertório folclórico, a herança de compositores do século XVI e XVII, como Thomas Tallis e William Byrd, é perceptível em suas obras, sem mencionar Henry Purcell, que inspirou uma das obras mais populares de Britten, o *Guia dos Jovens para a Orquestra* – peça didática na qual são apresentados os instrumentos musicais, cada um fazendo uma variação sobre um tema de Purcell, até serem reunidos em uma fuga final.

Ao mesmo tempo, não foi desatento aos acontecimentos históricos e sociais a seu redor. Seu *War Requiem*, composto em 1962, é uma homenagem fúnebre às vítimas das guerras mundiais, enquanto sua *Sinfonia da Requiem* é igualmente uma meditação, em tons negativos, dos acontecimentos políticos do século XX.

Mas não só os conflitos sociais foram transpostos em música: a solidão, os preconceitos e o isolamento do ser humano foram temas de suas obras: na ópera *Peter Grimes*, por exemplo, a personagem-título é um pescador hostilizado pela população da aldeia onde mora ao ser acusado de um crime. Aliás, personagens marginalizados não faltam nas óperas de Britten, como em *Billy Budd* e em *A Volta do Parafuso*. Ele mesmo um *outsider* que se recusou a lutar na guerra, alegando “objeção de consciência”, sabia do que estava falando.

Na praia de Aldeburgh, entre a cor cinza do Mar do Norte e o cascalho, uma escultura, uma concha de metal de 2,5 metros, tem gravada uma frase de *Peter Grimes*, “I hear the voices that will not be drowned”, “Ouço as vozes que não serão sufocadas”.